

Mártir



COMO TODOS OS PAIS, o primeiro pensamento desta mãe divorciada, mal soube que o filho tinha problemas na escola, foi achar que o rapaz, como se costuma dizer, andava a dar na droga. A primeira coisa que nos vem à cabeça pode parecer a mais lógica, porém raramente está certa. Benjamin tem um problema mais complexo do que ser adolescente: é um fundamentalista cristão.

Ora, isto da personagem exemplarmente interpretada por Vicente Wallenstein iniciar uma cruzada contra a depravação por interpretar a Bíblia à letra – e, como todos os descontentes e radicais, só se fixar nas partes que interessam à sua causa –, evidentemente vai criar uma onda de choque entre os alunos, que aproveitam para revelar a sua crueldade, mas principalmente entre os adultos. E Benjamin não ajuda. Ofende-se com os biquínis das raparigas e recusa despir-se nas aulas de natação. Fica mais ou menos em choque com as cenouras e os preservativos que Érica, a professora de Biologia (criada pela mais uma vez inspirada Ana Cris),



usa na tentativa de ensinar os rudimentos da educação sexual e despe-se. À beira do histerismo com a teoria da evolução passa a usar uma máscara de macaco e a mover-se como um símio. E quando uma atraente colega se atira a ele, tem um ataque de nervos com os avanços da rapariga. No entanto, sejam quais forem os percalços, o gozo dos alunos, a preocupação da mãe, a condescendência de padre e professores, o Messias em formação, na sua paixão e no seu zelo, encontrou um objectivo, uma cruzada, melhor dizendo: fazer a vida negra à

docente de Biologia, a única que lhe faz frente. No fim aquela que mais vai sofrer.

Vivemos numa sociedade e num tempo assaz complexos e o texto que Marius von Mayenburg (n. 1972) escreveu, em 2012, com os atentados terroristas na Europa bem vivos na memória, é uma subtil e ardilosa peça que, sendo conhecidas as consequências, procura as causas da radicalização política e religiosa sem medo do confronto. O confronto com as ideias feitas pela correção política e por essa estranha convivência entre tolerância e

preconceito que o pensamento liberal impôs como regra, a maior parte das vezes – e tantas vezes na educação – traduzido em negligência, não vá alguém sentir-se ofendido. O que foi muito bem compreendido pela encenação de Rodrigo Francisco, que, captando com precisão a subtilidade do original, montou o espectáculo como um caleidoscópio social avariado pela intolerância e o sectarismo que ninguém viu chegar, mas para o qual todos contribuímos sem sabermos como dele sair. **Rui Monteiro** ■
→Teatro Municipal Joaquim Benite. Qua e Dom 16.00. Qui-Sáb 21.00. 10€.